

O Gaiato



PORTE
PAGO

Quinzenário * 19 de Novembro de 1977 * Ano XXXIV — N.º 879 — Preço 2850

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

PRESENÇA

Massangarala é um bairro periférico de Benguela, povoado, desde há vários anos, por gente que foi descendo do mato a esta cidade — jardim «à beira-mar plantada» — em busca de trabalho que se ia multiplicando na zona industrial que lhe fica próxima, ao tempo muito progressiva e agora em tentativa de novo arranque.

Nasceu a esmo, como acontece a esta sorte de bairros em quase todas as latitudes, sem nada dever aos bons officios da urbanização. Não se lhe pode, pois, chamar mais um canteiro florido da cidade-jardim. Casas e ruas e saneamento são muito precários. Não fora a brisa que geralmente sopra do mar ali ao lado, seria pouco respirável aquele ambiente — todavia menos mau que o de outros similares que conhecemos no cerco de Lisboa ou Porto!

Porém, um bairro não vale sobretudo pela sua qualidade urbana, antes pela gente que o constitui. Quantas vezes em charcos se encontram flores preciosas de beleza e de aroma! Quantas virtudes humanas neste Povo simples, que magníficos exemplos de solidariedade difíceis de encontrar em zonas de requinte!

O Povo de Massangarala é assim, unido e brioso. Construiu a sua igreja, espaçosa mas já insuficiente e encheu-a de vida que fundamenta a sua reivindicação de ser paróquia própria. E vai sê-lo em breve. A personalidade das pessoas justifica a personalidade de canónica daquele agrupamento humano.

Fui celebrar ali um destes domingos. Não posso dizer muitas coisas novas depois do que já disse da Festa em Nossa Senhora da Graça no 2.º domingo de Setembro. Desta vez, pelo facto de ser o único celebrante, centrou-se mais profundamente em mim a vibração daquele encontro. O Povo sabia do gosto com que ali estava e quis tudo a preceito. Sámos processionalmente da sacristia, eu e o grupo coral de uns cinquenta elementos predominantemente jovens. Rodeámos o templo em passo lento e cantando. A entrada da porta principal, juntou-se-nos o coro maior que era toda aquela assembleia. De resto, tudo que na Missa pode ser cantado, o foi. Cantos litânicos com o refrão muitas vezes repetido por todos e muitos aleluias de permeio. Fiquei a pensar como será na Quaresma... Disse-me que, no silêncio do aleluia, não faltam outras aclamações a significar regozijo e louvor.

Pressa é coisa que ninguém tem. É lógico: para quem vai à festa fazer a Festa, quanto mais, melhor! Foi à beirinha de duas horas aquela celebração. Lembrei-me de uma certa igreja muito repençada em que a Missa tem de acontecer em meia hora, com risco de nos tirarem o microfone da boca se atropelamos a prova contra-relógio! Oh cristandades cansadas! Ou a pouca fé e o fôlego delas de quem havia de fomentá-lo! Aqui não há relógio. Vem-se pelo sol e sai-se no fim muito contente. Todos vieram ao Altar de Deus e levam-no consigo, Ele que é a alegria da nossa juventude!

Pode ser que a repetição viesse a embotar a sensibilidade. Mas as vezes que me foi e será dado participar em tais manifestações de vida são banhos de sim-

tronho destacado, com flores e muitas luzinhas, de gosto tão ingénuo quão expressivo da ternura com que é venerada. De resto, os limites de Benguela são, ao norte a Capelinha da Senhora da Graça e ao sul a da Senhora dos Navegantes; a leste a Missão de N.º S.º da Nazaré. A catedral invoca por seu título N.º S.º de Fátima. E a igreja mais antiga, linda e monumento nacional, fica no poente, pertinho do mar e chama-se de Nossa Senhora do Pópulo — N.º S.º do Povo que Lhe quer como filho e a quem Ela quer e Se entrega como Mãe.

Por isso torno a afirmar: não há que termer! Angola é terra de Santa Maria.

Padre Carlos

UM CASO

O «Batalha», ontem, chorou de nervos. Nervos acumulados que explodiram por causa de umas calças que trazia sem número e, por tal, foi chamado à atenção. Não aceitou e protestou. Gritou mesmo a sério.

Ele é um rapaz espontâneo, alegre, inquieto e com bastantes potencialidades latentes num ser em pleno crescimento. Tem 15 anos, com consciência mais ou menos grande da sua vida passada. A mãe nunca foi, para ele, exemplo de mulher e mãe. Ele sabe. Ele sente. Ele sofre. Também é bom que ele saiba e sinta que nós sofremos com ele, por causa de vidas demasiado perdidas neste mundo demasiado pobre em valores de espírito de verdadeiro altruísmo. Por isso mesmo, sua mãe foi vítima; ele, vítima também; e nós, claro...

«Estou cheio de misérias», gritou ele assim numa tarde de domingo de Outono sombrio. Em pequenino ele era levado pelas mãos da mãe, até ao

Segue na QUARTA página

AQUI, LISBOA!

● Nos princípios de Dezembro faz 78 anos, pois nasceu nos últimos dias do século XIX. Está connosco há 7, já completados. Ocupa-se dos jardins da Casa com uma atenção e um desvelo ímpares, muito para além das suas forças físicas, necessariamente já em declínio. Colocado na roda da Misericórdia ao nascer, adoptado por um casal dizimado pela pneumónica, de que também foi vítima, pois foi obrigado a extirpar um dos pulmões, tendo ficado meio inactivo de um dos braços, constitui uma presença exemplar, digna do maior apreço e do mais acrisolado respeito.

Num tempo em que as pessoas de idade são postergadas do convívio social, esquecidas e minimizadas na sua dignidade humana, quando se fala já da pílula para eliminar os velhos (e os incapacitados ou diminuídos), trazer a estas columnas o Senhor António Jardineiro quer significar-lhe não só a modesta homenagem da Comunidade, mas a todos os Irmãos já encanecidos ou na curva decrescente de faculdades, como manifestar o mais profundo repúdio pela mentalidade corrente, de só contarem na consideração do mundo aqueles que estão na plenitude das suas forças físicas embora, muitas das vezes, nada façam de útil, antes pelo contrário.

Em múltiplas ocasiões temos denunciado, por escrito ou oralmente, o tipo de abandono a que se votam as pessoas de idade ou as crianças, quando os recursos materiais não são o óbice, lançando-as para lares ou colégios, numa denúncia manifesta de egoísmo ou de irresponsabilidade, por parte de quem assim procede, fugindo ao cumprimento dos deveres mais elementares. Coisificado o homem, não há mais lugar para aquele bafo humano que preside às relações tu-eu e eu-tu e que constituem a beleza e a alegria de viver. Não admira, pois, que em países materialmente prósperos, a percentagem de suicídios incida essencialmente nos grupos etários mais avançados, longe do calor familiar, ou numa juventude não motivada, crescendo à margem da intimidade dos pais e dos educadores.

Continua na QUARTA página



Nova casa residencial com salão, na Casa do Gaiato de Miranda do Corvo.

PELAS CASAS DO GAIATO

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

PENSÃO SOCIAL — Por estas bandas já começaram a chegar notícias do processamento ou da distribuição da pensão social. Até que enfim!

Há pessoas que recebem logo o respectivo vale do correio (500\$00 mensais), enquanto outras não — vem de lá primeiro um termo de responsabilidade a fim de o destinatário preencher informações solicitadas.

Mas, entre os estratos etários ahrangidos, e pela precária situação dos pretendentes à pensão, isso gera naturalmente uma certa confusão nos espíritos.

— Antão F. já arrecebeu e eu não?! Pra que serve este papel?!

Dentro das nossas limitações procuramos elucidar, já que uma parte das pessoas não sabe ler, outra nem ler nem escrever... Resultado: dá que fazer o tentar esclarecer este critério adoptado pelos Serviços...

No entanto, o termo de responsabilidade insere uma nota muito oportuna, que sublinhamos e explicamos aos interessados: «Os beneficiários da pensão social, bem como os seus familiares têm direito à assistência médica e medicamentosa no posto médico da sua residência, conforme despacho de 26/2/76».

Certidão de morte para os atestados de pobreza. Muito bem!

PARTILHA — De Lisboa, a habitual contribuição de 150\$00 em vale do correio e um lamento cheio de Amizade: «O mau tempo que fez não me deixou sair, porque sou doente. Espero que me desculpem esta demora».

Mais 200\$00 de «Uma Figueirense», com um desabafo: «Tenho muita pena das pessoas que trabalham e não conseguem arranjar pensões ou reformas. Toda a injustiça é de lamentar e de eliminar. Aquele Vicentino lisboeta — que aparece sempre no momento oportuno — vai com Mensagem:

«Caminhai enquanto é dia», foram estas ou semelhantes palavras com que o Senhor Jesus nos exortou a cumprir o Evangelho do Amor que Ele andava pregando.

Adaptando-as a esta risonha e feliz situação, que traz no bolso a resolução de todas as carências sociais, direi: partilhai enquanto vos deixarem algo que partilhar, o que se vai tornando cada dia mais difícil.

Vem isto a propósito «daquela vendedeira ambulante, a ficar já trôpega de doenças», perante a indiferença da nossa curiosa Previdência Social.

Lendo o relato, o vicentino estremece: há uma mulher, idosa e doente, que ainda trabalha mas não aufera o suficiente para o sustento. Senti que esta Mensagem de Cristo também me era dirigida. Por isso junto um bocadinho de pão para aquela boca. Que Deus o aceite.»

Ainda de Lisboa, Rua das Amoreiras, 200\$00, «ajuda mensal referente aos meses de Setembro e Outubro».

Do Porto, assinante 5717, o remanescente do pagamento da assinatura

de O GAIATO. Covilhã, um vale do correio de 1.000\$00. Idem, pela mão da sr.ª D. Hortência. Fânzeres com 200\$00, de outro Vicentino muito amigo. Alto! Vem lá mais uma carta, com boas notícias, dos lados de Águeda. Ora ouçam:

«Amigos: Não me tendo sido possível hoje, 2 de Novembro, tomar parte em qualquer acto litúrgico pelos que já partiram, venho deste modo fazer a minha oferta ao Cristo Sofredor, igualmente vivo nos que sofrem. É, pois, para a Conferência esta migalha.

Não publiquem o meu nome, por favor.»

Ainda no que se refere ao Dia de Fideis Defuntos, há mais uma presença com Mensagem. Ouçamos:

«Para a vossa Conferência Vicentina junto 200\$00, um bocadinho mais do que passarei a enviar mensalmente, pois quero lembrar, neste dia, de maneira especial, as almas de meus Pais. E em lugar de flores de preço quase astronómico, coloquei nas suas sepulturas flores simples e poucas e vai esta pequena ajuda para os Irmãos que ainda peregrinam na terra e carecem de muita coisa. «Uma portuense qualquer».

Para todos, muito obrigado em nome dos Pobres.

Júlio Mendes

Benguela

FUTEBOL — A ideia partiu de um grupo de casados que hoje estão lançados para o futuro, com garras e dentes, nesta Angola independente:

— Malta, temos é que formar uma equipa de futebol que possa bater o pé aos ditos grandes!

O Paulo encarregou-se de fazer chegar o anúncio à Rádio, convocando para uma reunião um grupo de rapazes independentes, casados e não casados, o Melo e meia dúzia de senhores amigos e admiradores da nossa Obra.

No dia e hora combinados, apresentaram-se todos no salão-auditório do Emissor Regional de Benguela. Presente à reunião um membro da Comissão Coordenadora dos Desportos da Província de Benguela.

Após o estudo minucioso da ideia, suas consequências futuras e seu valor, decidimos, sem perda de tempo, formar uma equipa de futebol denominada Grupo Desportivo da Casa do Gaiato; formar, também, um Conselho Disciplinar Provisório e uma Comissão Directiva Provisória.

E deu-se o primeiro pequeno passo, que lhe posso chamar gigante e equipará-lo a um grão de mostarda lançado à terra.

Seguiu-se mês e meio de intensos treinos que se efectuam à noite depois das 20 horas.

O nosso team fez a sua primeira apresentação aos amantes do desporto-rei da linda cidade de Benguela, no dia 16 Julho do corrente ano. Foi um quadrangular organizado por nós, comemorando mais um aniversário do seu verdadeiro fundador, com o objectivo de angariarmos fundos. Obtivemos um honroso 2.º lugar, ao derrotarmos a Seleção da Baía Farta por 7-2, sem margem para dúvidas,

e perdemos na final frente ao Nacional de Benguela por 2-1.

Serviu de palco a esta final o velho estádio do Nacional que, nesse domingo à tarde, se apresentava cheio como um ovo e com uma receita líquida muito satisfatória, permitindo-nos para tal a aquisição de um equipamento completo excluindo hotas, a dificuldade principal de todas as equipas angolanas.

O 2.º lugar deste quadrangular foi um sinal vermelho para as «senhoras» equipas do nosso desporto. Volvidas poucas semanas, teve início o Campeonato Experimental de Futebol, por zonas, no concelho de Benguela. O sorteio destinou-nos a zona A. Posso adiantar que foi uma prova verdadeiramente dura. Os jogos realizaram-se só numa volta.

O primeiro lugar fugiu-nos por sorte. Ocupámos assim o segundo lugar a dois pontos do primeiro, que foi o Clube Desportivo 1.º de Maio.

Nesta primeira prova oficial obtivemos os seguintes resultados: 2-1 frente ao Sporting de Benguela; 4-0 ao Bangú F.C.; 6-0 ao G.D. da Agricultura; 2-0 ao 11 de Novembro F.C.; 2-1 à Baía Farta; e, finalmente, veio a nossa primeira derrota na final para apuramento do campeão de zona, 1-2 frente ao Clube Desportivo 1.º de Maio, que apresenta um excelente lote de jogadores, antigas vedetas e esperanças da era colonial.

Foi uma verdadeira tarde desportiva. O campo do Nacional, segundo os dirigentes da Coordenadora, obteve a sua melhor receita de sempre após a independência. Viveram-se 90 minutos de suspense e vibração nessa linda tarde quente de 2 de Outubro. Os nossos valorosos jogadores sentiram o carinho da massa associativa, dirigentes e público em geral, que não se cansou de nos aplaudir e gritar.

«Há muito tempo que não assistíamos a um jogo tão bem disputado em todos os capítulos» — diziam os amantes do velho desporto, ao deixarem as bancadas do estádio.

Enfim, foi uma tarde feliz e um campeonato altamente positivo que nos permite o apuramento imediato e merecido para participarmos no Campeonato Provincial a ter início dia 22

de Outubro. Saliento que fomos a defesa menos batida, Gabriel foi o segundo artilheiro com 9 tentos e temos cinco jogadores na Seleção Provincial.

Na hora em que escrevo estas linhas ultimam-se os preparativos da caravana que seguirá para a cidade do Cubal, onde nos espera o Recreativo local, numa longa série de convites que temos à frente. A Rádio local não se cansa de fazer publicidade para este embate porque o desporto é a alegria do povo.

Nas oficinas do G.D. Casa do Gaiato «bate-se no ferro quente» para a formação da equipa sucessora, que hoje fez um jogo amigável frente ao Nacional de Benguela que venceu os nossos continuadores por 1-0. Também na agenda de trabalho se estuda o futuro estatuto para o clube, a abertura de mais modalidades dentro do nosso esquema e possibilidades — se nos derem luz verde, claro.

Nesta Angola independente o Gaiato apresenta-se entre os bons do nosso desporto. É um exemplo para todos. Hoje a nossa equipa não é constituída apenas pelos nossos rapazes. Dada a simpatia, a amizade e o exemplo dos nossos admiradores de sempre, é de salientar e louvar o esforço inegável dos dirigentes Martins Abrantes e José Maroco, jogadores Neto, guarda-redes Rufino, Semedo, Pereira e Barroso, nosso treinador.

Caros leitores e amigos de sempre: Os alicerces estão formados. Esperamos vossos «tijolos»; embora estejamos separados por milhares de quilómetros, o que não constitui barreira nenhuma para a nossa união em África como na Europa; os nossos laços de amizade e o mesmo sangue Gaiato une-nos cada vez mais: «somos uma grande família».

A nossa Ohra não é revolucionária depois do 25 de Abril. Não esperamos a «revolução das flores» para conhecermos a Revolução. Somos revolucionários há mais de três dezenas de anos.

Estimados irmãos, leitores e amigos, as Casas do Gaiato serão aquilo que nós formos. Nunca nos esqueçamos desta realidade. E neste momento vamos todos louvar esta boa ideia que

não foi criada dentro da Casa do Gaiato, mas sim por Gaiatos já lançados na vida e feitos homens nesta Casa, mas que trazem nas suas veias o imortal sangue Gaiato. E nesta decisiva fase na África Austral o exemplo vem de Angola, precisamente de filhos criados na Casa do Gaiato de Benguela.

Solano

Poema à vida

Eu dantes pensava
Que o significado da vida
Consistia no que via e ouvia
Atirando para algures as minhas preocupações
E pelos verdes campos, correr
Com a alma cheia de energias
E no rosto trazer alegrias
Agitando a paz e o silêncio de morte...
[rer...]

Depois, um tanto cansado
À sombra de uma árvore sentado,
Fazia doce poesia
Dedicada aos meus livres amores,
Inspirado na frescura que perdura
Do azul lavado dos céus
E no terno sorriso das flores
Que me faziam agradável companhia.

Ao deixar a infância
Fui-me libertando da ignorância;
Hoje, com novas ideias e eficazes pensamentos
Distribuo a minha felicidade
Sem preconceitos nem tormentos
Pelos loucos da humanidade
Que ao sofrerem por nós todos
É o mesmo que amar.

A vida é uma estrada complicada
Que todos os dias temos que percorrer...
[rer;]
Tem rosas nos lados e pedras no meio,
[meio,]
E nos contratempos, está o inimigo
[a ver]
Quando o homem com puro anseio
Rasga caminhos livres a concretizar...
Suas forças e seus sonhos quer apri-sionar...
[sionar...]
Mas viver é lutar e florescer!

Manuel Amândio

Setúbal

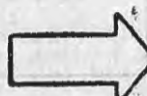
Passando as minhas férias no Norte, muitas vezes atravessei e percorri as zonas ribeirinhas do Douro.

Dum lado o Porto, do outro Vila Nova de Gaia. Dum lado o casario escuro do Barredo, do outro os armazéns de vinhos a tapar outros casarios escuros e imundos. Lembrei-me das vezes que por ali fui com Pai Américo, subindo aqui e ali, degraus escuros que davam acesso a tugúrios onde mal se enxergavam os seus habitantes e tudo era nú e frio de conforto. Os anos mudaram, mas as coisas não. Tudo como dantes: a mesma penumbra, dentro e fora dos corações dos habitantes desta zona!

Subindo mais um pouco encontra-



Grupo Desportivo da Casa do Gaiato de Benguela



TRIBUNA DE COIMBRA

As andanças das praias, das férias, do exterior pararam um pouco e descemos mais à vida e a nossa Casa.

Nos últimos dias procurámos visitar doentes e ir ao encontro de alguns que há muito nos chamavam. Que bom sermos uma grande família!

Felizmente que já estamos todos e cada um no seu lugar. Os das Escolas Primárias com seus professores. Os do Ciclo e Liceu todos com aulas, graças à amizade dos bons Amigos da Cooperativa do Ensino de Coimbra que querem que os gaiatos continuem seus. Os da Escola Técnica, da noite, estão arrumados. O «Lita», com sua engenharia, quase não teve férias e a greve universitária ia saindo cara a todos. O Zé Domingos, que o ano passado teve de recorrer a uma escola da Madeira, este ano teve a felicidade de ficar com a do José Crisanto da Figueira, pois que este está a fazer o estágio em Leiria. Os das oficinas parecem estar bem. Os das obras andam empenhados em cobrir depressa a escola nova e depois preparar o salão para recreio e serões do inverno. Sentimo-nos todos felizes.

Temos registado muitas presenças de Amigos. Vindo ao nosso Lar de Coimbra, a nossa Casa na Praia de Mira ou a Miranda do Corvo. Mandando pelo correio. Indo levar à Casa do Castelo. Pegando no telefone para nos comunicar. Procurando encontrar-se conosco

nas ruas ou nas igrejas. São sempre mãos dadas que nos ajudam a caminhar. Sózinhos não andamos. Temos necessidade dos Outros.

Cheque e pedido de todos os nossos livros, de Cebolais de Cima; vale de Pombal e o amigo das roupas que voltou; oferta dos pais pelo emprego do filho; 500\$ de Professora nossa vizinha; mais duas vezes a mão estendida de outra Professora também agora vizinha, mas o coração dela continua com as gentes de África. Outra vez outra vizinha e a anónima de todos os meses.

Quinhentos escudos de Senhora «velha Amiga» na Praia de Mira; 1.000\$ de «velho Amigo» na mesma; 500\$ e mimos de grupo de jovens, lá também; 350\$ de assinante; 250\$ mais 100\$ também na Praia; 100\$ de oficial; 1.000\$ de mirrense; muitos e muitos mimos que lá nos ajudaram nas férias.

Cem, mais 300\$, mais 100\$, mais as Amiguitas, mais a Mãe do Víctor, mais 100\$, mais 100\$, mais 500\$, mais embrulho e mais tudo o que vão deixar na Casa do Castelo e mais os sorrisos de todo o Pessoal da casa quando me vê.

Mil e «dentro de poucos dias serei Mãe, rezem por mim. Obrigada». Feliz Mãe e felizes filhos de tal Mãe! «Tome lá» de sacerdote; mão dada em Santa Cruz; 1.000\$ de Senhora amiga; ofertas de Leiria a pedir recordações ao Senhor, no Altar; 100\$ e assinatura de

Tomar; Senhora da Lousã que aparece com muito amor e discrição; vale da Amadora; vale e selos «duma figueirense» em Coimbra; cheque de sacerdote de Unhais da Serra; 100\$ do Gavião; vale de Coimbra; vales mensais de Vilar Formoso; 45 dólares de vizinhos, no Canadá.

Visitantes de Tomar; as cotas mensais a vendedor em Coimbra. Visitantes; não são muitos, mas são todos muito simpáticos. Mil esc. em Coimbra a vendedor; 200\$ a vendedor em Castelo Branco; 300\$ em vale, de Avelar; vale de Senhora amiga de Castelo Branco que aparece; visitantes austríacos que deixaram sua oferta; grupo de jovens de paróquia de Lisboa com 1.000\$; 500\$ pelos cem anos do Pai; sacerdote «já há muito tempo lhe não dou nada para seus meninos»; 500\$ de Amigo do Meno; um casal brasileiro, muito amigo, teimou em pagar o almoço; 500\$ mais 100\$ de Amigos que passaram; 1.000\$ e a visita dum dos primeiros Amigos; 1.000\$ da Maria Viúva; cartas; 100\$ «nos seis anos de casada»; 500\$ de médico vizinho.

Cem em cheque de Oliveira de Azemeis; as ofertas mensais da Covilhã pela Mãe Ana; vale de Castelo Branco; 100\$ em vale de Lisboa; vale de Medelim; aumento de ordenado de Tortosendo; família visitante; 1.000\$ das Linhas de Torres; visitas e ofertas de rapazes nossos, hoje já homens e pais; 1.000\$ da Ota para livros; Amigo que foi ao Lar e Senhora que também foi; 100\$ a vendedor na Lousã; 1.000\$ de casal que esteve conosco; 180\$ de outro e cheque de casal nosso; 1.000\$ e roupas «de Mãe agradecida ao Senhor» que marido veio trazer; cheque de Lisboa em oração pelo Irmão que Deus chamou, a recordar a oração de fazer bem que a Mãe lhes ensinou. Mil a recordar ao Senhor a Esposa — muito Irmã de todos — que Ele veio buscar.

Cheque na visita a um dos nossos e 1.000\$ escondidos de outro; um envelope, feijão, carne e mimos de parentes da minha aldeia; 500\$ pela filha casada com um dos nossos; o mesmo de casal visitante; migalhas do mesmo pão. Um oficial antigo do Exército português que me chamou para entregar parte do que a Irmã deixou. Quis dividir. Vi ali um gesto de libertação. Os 88 anos tendem a fechar as pessoas. É necessário libertar-nos de tudo o que nos pode prender e amarrazar à terra. Já não foi a primeira vez que aquele Amigo nos chamou. Momentos antes, à saída da igreja, tinha comprado dois gaiatos. Faz sempre assim. É para ele e para a família. A família também somos nós. Somos uma grande família. Família que quer ser feliz e que quer proporcionar felicidade.

Padre Horácio

RETALHOS DE VIDA

O Amândio



Vou contar alguma coisa da minha vida: o passado, o presente e o futuro.

Sou natural do Porto, onde nasci em 10 de Junho de 1962.

Com seis meses de idade fui abandonado pela minha mãe, no Hospital de S. João, do Porto. Depois, uma enfermeira tratou de me criar até aos três anos. Então, reuniram-se os enfermeiros e as enfermeiras e resolveram pedir a minha entrada na Casa do Gaiato. O sr. Padre Carlos disse que sim. Fiquei na casa-mãe da nossa Aldeia, junto da senhora D. Sofia e era companheiro dos restantes «Batatinhas», com quem trabalhei até aos onze anos.

Entretanto, pela minha idade, mudei para a casa quatro de baixo, a seguir para o andar de cima; e, agora, estou na casa três de baixo.

Hoje sou ajudante dos trochas, ocupados nas obras da nossa Aldeia.

Frequentei o 1.º ano da Telescola. Não me dava ao trabalho de estudar! Vieram as últimas provas, que eram as principais para passar para o 2.º ano, e, claro, fiquei triste por não ter passado.

Gostava muito de aprender a arte de mecânico de automóveis. No entanto, para o próximo ano, se me deixarem, vou para a nossa serralharia. Talvez fosse capaz de aprender a trabalhar o ferro e, assim, quando fosse grande, poderia ser um bom serralheiro mecânico de automóveis.

Um grande abraço para todos os nossos amigos.

Amândio Luís de Azevedo Paiva

Lar Operário em Lamego

Têm sido frequentes as minhas caminhadas àquela localidade que fica um pouco distante de Lamego. Comecei a ir lá porque os meus superiores assim quiseram. Hoje vou porque este ou aquele me chamam para tentar diminuir carências ou aliviar situações menos humanas. É angustiante ver que pouco se fez durante do muito que se torna urgente! Não gritamos contra ninguém, nem atiramos pedras; apenas

sentimos dolorosamente, dentro do peito, o limite das nossas possibilidades. A riqueza que procuramos espalhar e dividir por todos é a nossa boa vontade, o calor do nosso coração, o optimismo do amanhã que esperamos seja melhor.

E nesta luta entre o que desejamos fazer e os poucos recursos de que dispomos, se vão passando os dias.

O inverno está outra vez à porta e ainda não podemos agasalhar as nossas crianças à hora das refeições! Há alicerces feitos, há tijolos e vigas, mas diz o responsável que são precisos cerca de quinhentos quilos de ferro e mais de cento e cinquenta sacos de cimento. A pensar que a obra tem de ir por diante e revestidos da coragem que o Senhor nos dá quando afirma que os homens são mais que as aves do céu e que a estas não falta com o indispensável, já mandá-mos comprar os materiais. Será ousadia? Ficaremos desta vez desiludidos? São novos problemas que se avolumam?

Não queremos responder só com as forças e técnicas humanas. Não queremos à custa de orçamentos dizer sim ou não. Vamos caminhar apoiados na Fé e na Esperança, que têm sido as alavancas do que se fez até ao presente.



Paulinho e Rui de Miranda do Corvo

Padre Duarte

mo-nos nas zonas da Bainharia e rua Escura, onde a escuridão é ainda maior por via da pobreza se juntar à miséria, onde a prostituição é negociada. Outra escravatura!, da qual muitos de nós não damos fé e outros fecham os olhos. Dum lado e doutro, o que me chama mais a vista são aquelas crianças de mistura com os adultos.

Uma miséria constrói outra miséria. As filhas seguem as pisadas das mães, num crescendo de imoralidade.

A Educação é hoje palavra morta, nestes e noutros lugares. O próprio Ensino é facultativo na disciplina de Moral, como se ela quisesse dizer ou ser apenas tema de religiosidade.

O critério do aluno é respeitado, ou o dos pais quando da menor idade daquele.

Ora, pelo que sentimos, disso testemunhamos, não podemos ter professores ou gente que ensine capaz de moralizar, se o não foram na aprendizagem.

Os Barredos e as ruas Escuras há-os em todo lado, mas não é ali a sua nascerça. A falta de educação sim. Esta é que é a base. A falta de quem ensine o civismo, a moralidade que havia de ser ministrada desde as primeiras letras...

Num destes passeios de férias encontrei o negrume num lar, onde a esposa tinha fugido por infidelidade ao marido, levando e entregando à mãe uma criança de ano e meio. Foi para aquilo que nós chamamos «vida fácil». Ela era filha das ervas. E dela continuava a ser aquela inocente, agora entregue à avó.

Ernesto Pinto

Vistas de dentro

● Já não me lembro de registar aqui umas «Vistas de dentro». Mas lembro-me bem da «pancadaria» que apanhei dum Amigo de Lisboa sobre as últimas que escrevi onde até me chamava «desmistificador». Aceitei e, até, talvez, tenha razão.

Mas não foi este o motivo da minha desmotivação para as «Vistas». Não! Outros há, importantes, desde a minha falta de jeito para cronista e horror natural a escrever (a contrapor uma paixão louca pela leitura); a minha situação de «cirenau» (um género de cigano sem eira nem beira) ao longo dos meus doze anos de padre da Obra — o que daria para escrever muita coisa e boa, se o jeito não me faltasse. Pois só uma motivação mui forte e mesmo imperiosa — como a necessidade de «material» para O GAIATO — me leva a quebrar a natural timidez e escrever estas. É que escrever pequenas-grandes coisas, negativas e positivas, contrastantes e muitas vezes contraditórias, como sucede dia-a-dia na nossa vida, e delas fazer estilo, poesia, sabor, alegria e ao mesmo tempo inquietação interior, um certo humorismo a entranhar um profundo humanismo, uma pedagogia e uma Doutrina, só poucos como Francisco de Assis e Pai Américo são capazes.

● Começo por um desabafo que ouvi:
— Não quer saber que no

domingo passado uns visitantes começaram a «mandar vir», isto é, a repreender o François só porque ele deu duas palmadas ao Armelino por dar pontapés a um mais pequenito do que ele? François não se desmanchou. Respondeu aos senhores: — «Se lhes dei o comer (ele é um dos cozinheiros) também lhes posso dar os correctivos que precisam no tempo próprio e lugar adequado». E virou costas.

● A nossa cozinha tem um certo ar de hotelaria e os visitantes gostam de passar por lá. Porém, quando são muitos, os cozinheiros é que não gostam nada. Como, por vezes, não conseguem convencer as visitas a deixá-los trabalhar, vai daí, descobrem uma maneira mui subtil de os despejar de lá. Abrem a torneira de segurança da panela de pressão e o vapor e o apito ao descarregar pregam tal susto que todo o mundo foge. Este processo só lembraria a eles! Deus nos valha.

● Tivemos uma sessão de Karaté. Aquilo foi mesmo bom, a principiar pelo silêncio no salão repleto, a dizer do entusiasmo e interesse da rapaziada. Espero que lhes tivesse ficado bem gravado na memória que o Karaté é uma arte defensiva e não de violência como estão cheinhos de ver nos écrans e nas revistecas que por aí abundam. Aliás este aspecto foi bem vincado

pelos demonstradores; e melhor demonstrado pela alta categoria dos executantes, desde os pequenitos aos mais velhos.

Obrigado a todos. E voltem mais vezes, que ver assim Karaté é que é formativo.

Padre Abraão

POBRES

800 MILHÕES DE ESFOMEADOS!

O director da Organização das Nações Unidas para a Agricultura, Eduard Sauma, afirmou no México: «Mais de 800 milhões de pessoas sofrem fome e desnutrição por falta de recursos económicos».

De visita àquele país sul-americano para analisar programas de desenvolvimento da produção agrícola e alimentar, em geral, Eduard Sauma precisou, ainda, que «a fome e a desnutrição que imperam no mundo resultam da carência de meios para desenvolver indústrias alimentares, em prol dos grandes sectores da população do planeta».

«DURA REALIDADE»

O mundo «não ouve hoje a voz dos Pobres porque a pobreza não é notícia, embora afecte metade da população humana» — declara em Roma o cardeal Lawrence Trevor Picachy, arcebispo de Calcutá.

Segundo o prelado indiano, quando se pretende «captar o significado da pobreza nas condições reais da vida e não só em linha de princípios», as dificuldades «são um sério «handicap» para compreender a problemática de numerosas comunidades».

O cardeal Lawrence frizou, também, que «isto pode parecer um exagero, mas é só uma dura realidade».

Júlio Mendes

Um caso

Cont. da 1.ª pág.

monte ou ao campo, onde ela tinha os seus «encontros». E ele chorava muito, já nessa altura, pois sentia toda uma vida a perder-se e a cair aos bocados. Ontem, suas lágrimas eram de criança; hoje são de adolescente... No fundo, um sofrimento em aberto. Ai se ele aceitasse, consciente e serenamente as razões porque ainda se sofre tanto, hoje, e quisesse, amanhã, dar a sua vida em favor da transformação daquele mundo pequeno ou grande, onde val ter um lugar de respon-

AQUI, LISBOA!

Continuação da PRIMEIRA página

Medir os homens apenas pelas forças materiais e olvidar os valores morais e os do espírito representa um grave retrocesso civilizacional, em manifesta contradição com a inflação verbal do tempo e as muitas convenções ou estatutos de direitos(?) promulgados. De resto, a plenitude de força física não é sinónimo de capacidade produtiva e, muito menos, de juventude. Há muitos jovens velhos, que até no andar o manifestam; e há muitos velhos nitidamente jovens, quer na generosidade e no trabalho desenvolvidos, quer nas múltiplas manifestações do espírito, nos mais diversos sectores.

Voltando ao Senhor António. A seu pedido insistente, de anos, veio para nossa Casa, oriundo de um asilo particular, que, se não trabalhava bem, acabaria por nada ser, graças a ocupação revolucionária, que até o nome do patrono fez sumir. Encontrou uma família e novas razões para viver. Sente-se útil, embora sempre preocupado por mais não fazer, ele que tudo dá, além do que pode até. Aos visitantes desta Casa é bom lembrar que os seus jardins, com as plantas e as flores que os embelezam, também são obra de Amor, trabalho de alguém para quem a vida tem sido, não raro, madrastra e os semelhantes nem sempre trataram devidamente, mas que bem merece, com H, o nome de Homem.

● Queremos assinalar o acolhimento fraterno dispensado ao que neste local escrevemos sobre as camas e os colchões destinados às novas casas, para 60 Rapazes, que temos em acabamento. Bem hajam os correspondentes.

A propósito das dificuldades encontradas por alguns Amigos em conseguirem o endereço desta Casa do Gaiato, para remessa de fundos ou de correio, queremos esclarecer dois pontos. O primeiro diz respeito à nossa direcção, que é: Casa do Gaiato de Lisboa, Santo Antão do Tojal, Loures. O segundo é que, embora a Obra seja uma, todas as Casas do Gaiato e o Calvário são economicamente independentes. Portanto, todas as ofertas deverão ser acompanhadas da indicação da respectiva finalidade. Por exemplo: aqui no Tojal ou no Lar de Lisboa podemos receber qualquer donativo para outro qualquer departamento da Obra, veiculando escrupulosamente para o seu destino, conforme as intenções ou desejos manifestados, os valores respectivos. Não havendo qualquer especificação, partir-se-á do princípio que os valores recebidos se destinam à própria Casa receptora. Quanto ao pagamento da assinatura de O GAIATO e dos livros da Obra aconselha-se que seja feito na área da respectiva Casa. De resto, fazendo cada Casa a divulgação de um e de outros, julgando mais razoável que cada um, por motivos vários, faça a sua assinatura, é natural que a cada corresponda algo daquilo que lhe é comum.

Padre Luiz

Os livros de Pai Américo

«Não sou assinante, mas um leitor de O GAIATO. E sempre que ele me vem parar às mãos leio-o de fio a pavio sem interrupção, pois fico maravilhado com a sua leitura».

Tanto tenho ouvido falar dos vários livros de Pai Américo, publicados pela vossa Editorial, que me chegou um ardente desejo de os possuir; mais até porque tenho um filho, agora com dez anos, e gostava de os ter para ver se lhe podia alimentar o espírito com alguma coisa de proveitoso para o seu futuro — pois uma grande ou pequena caminhada o espera (Deus sabe), já que o ambiente em que vivemos não me satisfaz.

Portanto, envio um vale de correio de 1.000\$00 para os livros que porventura me possam mandar.

Também estou a fazer um balanço à minha vida, pois

agora já ninguém se admira ao ouvir falar em apertar o cinto. Do pouco que tenho vou dispor de 100\$00 mensais para a Casa do Gaiato.

Um abraço muito amigo a todos os gaiatos.»

N. R. — Ele há cartas, por nós recebidas, que precisam de chegar aos olhos dos nossos leitores.

O GAIATO é assim mesmo, desde sempre: local de partilha, de comunhão, de Vida.

Este modesto aposentado da PSP fala de O GAIATO: «Leio-o de fio a pavio sem interrupção, pois fico maravilhado com a sua leitura».

E vai mais além, pois solicita «alguma coisa de proveitoso para alimentar o espírito» de «um filho com dez anos»: páginas vivas de outro Pai — o Pai Américo.

sabilidade! O sofrimento não acabaria. Aumentaria com certeza. Ai mesmo nesse crescimento de sofrimento, por causa dos Outros, viveria uma Esperança profunda e intocável de ver o mundo dos Homens mais aliviado das escravidões criadas pelo próprio homem.

Ai mesmo... vale a pena aceitar a Esperança que não terá fim.

Ai mesmo... terminará a visão pequenina dos problemas muito só nossos...

Ai mesmo... nascerá a força

de querermos a mudança conscientemente, do injusto do nosso mundo, a começar pela nossa mudança de atitudes e ideais demasiado nossos.

A miséria existe. E cada vez mais sofisticada. O «Batalha» falou da sua. Muitos, nem da sua são capazes de falar. E aqui está uma das facetas da sofisticada miséria dos dias de hoje.

Deus nos dê coragem!

Padre Moura



Director: Padre Carlos Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Administração: Casa do Gaiato — Paço de Sousa — Telef. 95285
Composto e impresso nas Escolas Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa